



3 de dezembro de 2020  
Inquérito à Fecundidade  
2019

## INQUÉRITO À FECUNDIDADE 2019

### MANTÉM-SE A TENDÊNCIA DE REDUÇÃO DO NÚMERO DE FILHOS

Em 2019, 42,2% das mulheres dos 18 aos 49 anos e 53,9% dos homens dos 18 aos 54 anos não tinham filhos. Em 2013 aquelas percentagens eram bastante menores: 35,3% e 41,5%, respetivamente. O número médio de filhos, de mulheres e homens, passou de 1,03 em 2013 para 0,86 em 2019.

Em 2019, 93,4% das mulheres e 97,6% dos homens do escalão etário mais jovem (dos 18 aos 29 anos) não tinham filhos e mais de metade (54,6%) dos homens dos 30 aos 39 anos encontravam-se na mesma situação.

O número médio de filhos que as pessoas já tinham era crescente com a idade e com o número de irmãos e maior para as mulheres, para os que possuíam um nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico, para as pessoas com cônjuge ou companheira/o e para os homens empregados.

Questionados sobre a intenção de ter filhos, 55,1% das mulheres e 47,3% dos homens indicaram não tencionar ter ou ter mais filhos. Perto de 10% das pessoas, (8,4% das mulheres e 11,0% dos homens, 9,7% no total) não tinham nem tencionavam ter filhos. Para estas pessoas, os principais motivos assinalados foram a vontade própria e o facto de a maternidade ou paternidade não fazerem parte do seu projeto de vida.

Considerando os filhos que as pessoas já tiveram e aqueles que ainda tencionavam vir a ter, espera-se que, em média, tenham 1,69 filhos (1,78 em 2013).

O número médio de filhos desejados foi estimado em 2,15 (2,31 em 2013), não havendo evidência de diferenças significativas entre homens e mulheres em 2013 e em 2019. Uma parte expressiva das mulheres e dos homens com filhos (45,1% e 58,5%, respetivamente) tiveram o 1º filho mais tarde do que desejavam. O adiamento foi de pelo menos 5 anos para uma parcela considerável de mulheres e de homens (36,0% e 47,7%). As mulheres que tiveram o 1º filho mais tarde do que desejavam foram as que mais apontaram como muito importantes para o adiamento os motivos relacionados com a estabilidade financeira e no emprego e as condições da habitação.

Para as mulheres, independentemente da altura em que decidiram ter o 1º filho – mais cedo, mais tarde, ou na idade em que desejavam –, a vontade de ser mãe foi o motivo mais apontado para essa decisão.

Foram maioritariamente as mulheres que indicaram ser habitualmente responsáveis pelas tarefas domésticas, como lavar e cuidar da roupa (77,8%), limpeza da casa (59,3%) e preparar as refeições (65,0%). Os homens referiram mais frequentemente fazer habitualmente os pequenos arranjos e restauros da casa (78,3%).

INQUÉRITO À FECUNDIDADE – 2019



Para as pessoas com filhos pequenos, também foram mais as mulheres a indicar ter a seu cargo as tarefas relacionadas com o seu cuidado e acompanhamento, designadamente vestir os filhos (64,7%), ficar em casa quando estão doentes (63,7%), levar ao médico (55,6%), ajudar com os trabalhos escolares (46,5%), deitar os filhos (45,3%) e levar e buscar à creche ou à escola (36,2%). Os homens não se destacam, relativamente às mulheres, em qualquer das tarefas inquiridas. Ainda assim, o grau de satisfação com a divisão das tarefas domésticas e com o cuidado das crianças era elevado para ambos os sexos, sendo apenas um pouco mais baixo entre as mulheres.

Cerca de 9 em cada 10 (89,8%) mulheres e 85,9% dos homens consideraram dever existir incentivos à natalidade. **No domínio das condições de trabalho**, a medida mais frequentemente referida como a mais importante por mulheres e homens foi “flexibilizar os horários de trabalho para mães e pais com filhos pequenos”. **No contexto do acesso a serviços para ocupação dos filhos**, “alargar a rede e o acesso a creches, jardim-de-infância e Atividades de Tempos Livres (ATL)” foi a medida mais referida como a mais importante. Quanto às medidas **no âmbito dos rendimentos das famílias**, mulheres e homens apresentaram uma distribuição distinta: para as mulheres a medida considerada como a mais importante foi “aumentar os subsídios relacionados com educação, saúde, transporte, habitação e alimentação dos agregados com filhos”, para os homens foi “reduzir os impostos para as famílias com filhos, incluindo aumentar as deduções fiscais para quem tem filhos”. No que respeita a **outras medidas** que não integram os três domínios referidos, “atribuir incentivos fiscais às entidades empregadoras com práticas de gestão que apoiem trabalhadores com filhos” foi assinalada como a mais importante por quase metade das mulheres e mais de metade dos homens.

## 1. Enquadramento

Em finais dos anos 70 do século XX, Portugal ainda registava valores do Índice Sintético de Fecundidade (ISF) que lhe permitiam assegurar a substituição das gerações (2,1 filhos por mulher), o que deixou de suceder no início da década de 80, assistindo-se a uma tendência persistente de declínio da fecundidade desde então<sup>1</sup>. Esta tendência foi acompanhada do aumento da idade à maternidade (1º filho), que nos anos 70 se situava nos 24 anos. Em 2013, Portugal atingiu o nível de fecundidade mais baixo alguma vez registado no país (1,21), apesar da ligeira recuperação nos últimos anos (1,42 em 2019). Contudo, a idade média ao nascimento do 1º filho manteve aumentos sucessivos, atingindo, em 2019, 29,9 anos.

Apesar de nenhum país da União Europeia ter assegurada a substituição das gerações, Portugal integra o grupo de países dos 28 Estados-Membros da União Europeia com menores ISF. A recuperação observada nos

<sup>1</sup> O valor do Índice Sintético de Fecundidade (ISF) de 2,1 filhos por mulher é tomado como valor limite que garante a substituição das gerações. É designado como nível mínimo de substituição de gerações, ou seja, para que a substituição de uma geração seja assegurada é necessário que cada mulher tenha, em média, 2,1 filhos.



últimos anos fez passar Portugal do país com menores níveis de fecundidade da UE 28 em 2013, para o oitavo mais baixo em 2018<sup>2</sup>.

Passados seis anos do último Inquérito à Fecundidade, realizado em 2013, o Inquérito à Fecundidade realizado em 2019 pelo Instituto Nacional de Estatística, e financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants 2014-2021) no âmbito do Programa Conciliação e Igualdade de Género, pretendeu actualizar e reforçar o conhecimento sobre a fecundidade em Portugal. Foram consideradas múltiplas dimensões deste fenómeno para a população que se encontra no período fértil, nomeadamente no que respeita às suas características demográficas e socioeconómicas (como a idade, o nível de instrução, o *background* migratório, a conjugalidade ou a condição perante o trabalho), à fecundidade já realizada e à desejada, às intenções e ao desejo de ter filhos, ao número ideal de filhos numa família ou às perceções e constrangimentos que influenciam a decisão de ter ou não ter filhos.

A recolha de informação relativa aos dados agora apresentados decorreu entre setembro de 2019 e fevereiro de 2020, reportando-se a um período anterior à atual pandemia da COVID-19, pelo que os eventuais efeitos da pandemia nos padrões de fecundidade da população não são captados nos resultados agora divulgados.

A informação representa as mulheres residentes em Portugal em idade fértil, dos 18 aos 49 anos, e os homens residentes em Portugal nas idades em que é mais provável que tenham ou venham a ter filhos, dos 18 aos 54 anos.

Embora no Inquérito à Fecundidade de 2019 se tenham incluído algumas dimensões novas por comparação com o Inquérito de 2013 (por exemplo, informação relativa: à origem migrante/não migrante das mulheres e dos homens; à primeira maternidade da mãe das mulheres e homens; aos cônjuges/companheiras/os não residentes no alojamento; às intenções de curto-prazo de formação familiar/coabitação; à situação sociodemográfica das mulheres e dos homens à data do nascimento de cada filho tido (até ao terceiro); à utilização de métodos contraceptivos e questões de saúde reprodutiva; à idade desejada para ter/ter tido o primeiro filho e à idade ideal para se ser mãe/pai; aos cuidadores dos filhos pequenos), a comparabilidade dos dados entre esses dois momentos está garantida, quer em termos de desenho da amostra, quer em termos de conceitos-chave.

Nesta data é também disponibilizado um conjunto alargado de quadros construídos a partir dos resultados do inquérito, assim como a base de microdados anonimizada para investigadores, para fins de investigação científica.

---

<sup>2</sup> Ano mais recente para o qual existem dados comparáveis disponibilizados pelo Eurostat.



## 2. Análise comparada dos principais indicadores de fecundidade entre 2013 e 2019

Conceitos de fecundidade utilizados neste destaque:

- **Fecundidade realizada** – Número de filhos biológicos (nascidos com vida) tidos pelas pessoas.
- **Fecundidade intencional** – Número de filhos biológicos que as pessoas pensam vir a ter no futuro (incluindo a gravidez atual, caso se aplique).
- **Fecundidade final esperada** – Número de filhos biológicos (nascidos com vida) tidos pelas pessoas acrescido do número de filhos que pensam vir a ter no futuro (incluindo a gravidez atual, caso se aplique).
- **Fecundidade intencional de curto prazo** – Número de filhos biológicos que as pessoas pensam vir a ter nos próximos 3 anos (incluindo a gravidez atual, caso se aplique).
- **Fecundidade desejada** – Número de filhos biológicos desejados pelas pessoas ao longo da sua vida, independentemente dos que têm e dos que pensam vir a ter.
- **Ideal de filhos numa família** – Número de filhos (biológicos, adotados, enteados) considerado pelas pessoas como ideal para uma família, independentemente de ser a sua.

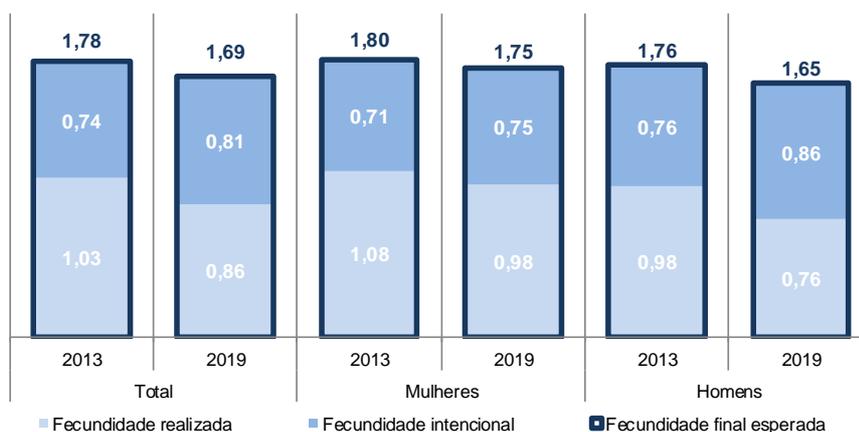
**Nota:** os indicadores subjacentes a estes conceitos captam os ideais, desejos, intenções e filhos tidos no momento de referência do inquérito.

Em Portugal, entre 2013 e 2019 verificaram-se alterações nos padrões de fecundidade, que se refletem na evolução do número de filhos tidos, dos que as pessoas ainda tencionavam vir a ter, desejavam ou consideravam ideal numa família.

A análise comparada das fecundidades realizada, intencional e final esperada entre 2013 e 2019 revela diminuições, tanto em termos globais, como para as mulheres e os homens (Figura 1).

A fecundidade realizada em 2019 foi inferior a um filho (0,86), tal como a intencional (0,81), conduzindo a uma fecundidade final esperada de 1,69 filhos, abaixo do valor observado em 2013.

Figura 1. Fecundidade realizada, intencional e final esperada, total, mulheres e homens, Portugal, 2013 e 2019

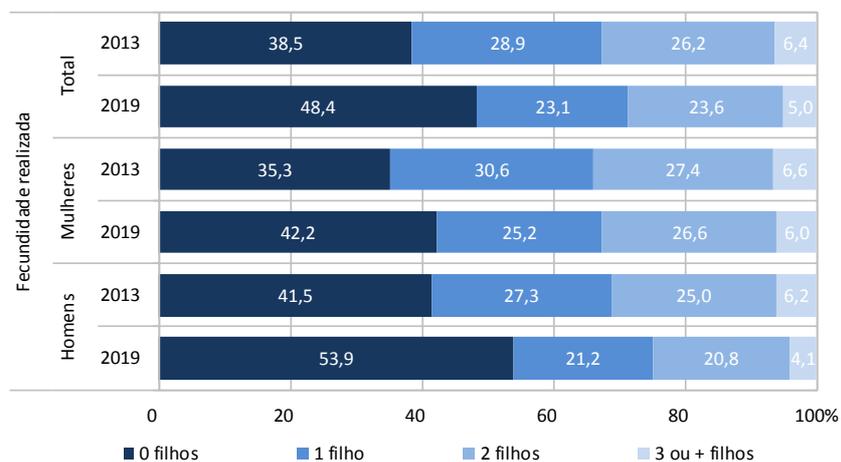


Fonte: INE, Inquérito à Fecundidade 2013 e Inquérito à Fecundidade 2019

Nota: A fecundidade final esperada pode não corresponder à soma da fecundidade realizada e da fecundidade intencional devido à opção de resposta "Não sabe" e por questões de arredondamentos.

De notar também que, se em 2013, 35,3% das mulheres e 41,5% dos homens não tinham filhos, em 2019 essas proporções foram mais elevadas: 42,2% para mulheres e 53,9% para homens (Figura 2). Acresce que em 2019, tal como já havia acontecido em 2013, não ter filhos era uma situação mais frequente do que ter um, dois ou três ou mais filhos, tanto para homens como para mulheres. A percentagem de pessoas sem filhos aumentou quase 10 pontos percentuais (p.p.), enquanto a percentagem das que tinham um filho desceu quase 6 p.p. e a percentagem das que tinham dois ou mais filhos diminuiu cerca de 4 p.p.. Em 2019 quase metade dos inquiridos não tinham filhos, quase um quarto tinham um filho e perto de um terço tinham dois ou mais filhos.

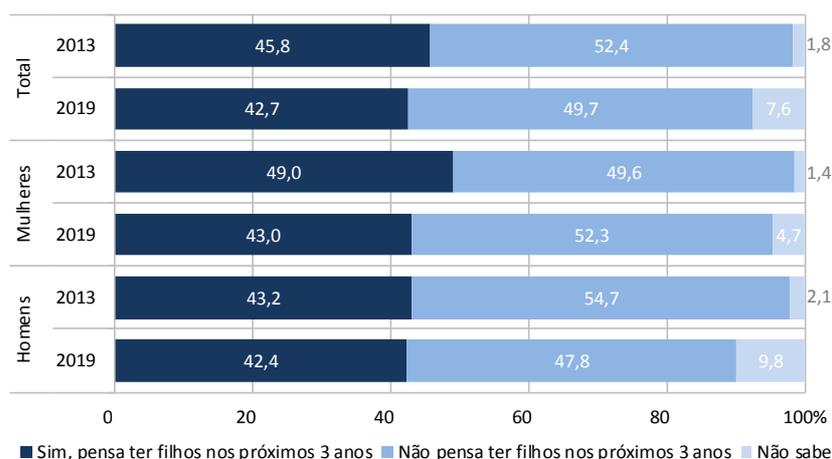
Figura 2. Fecundidade realizada, por número de filhos, total, mulheres e homens, Portugal, 2013 e 2019



Fonte: INE, Inquérito à Fecundidade 2013 e Inquérito à Fecundidade 2019

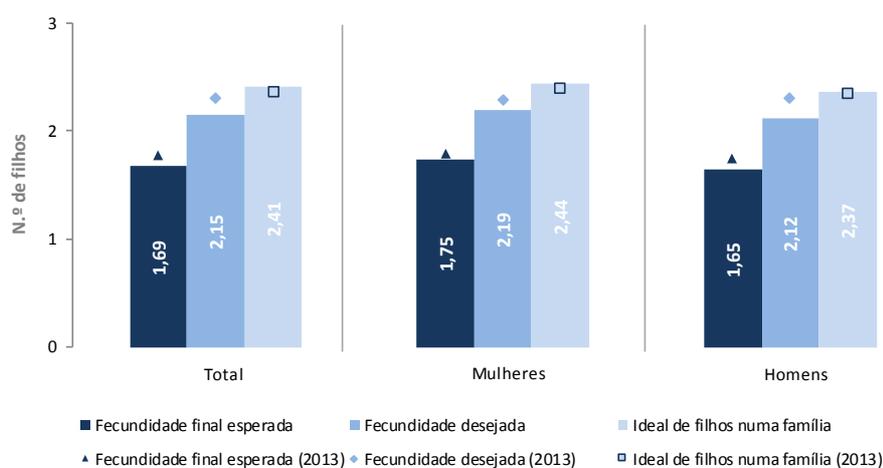
Considerando apenas as pessoas que pensavam ter filhos no futuro, verifica-se que menos de metade referiram que pretendiam ter filhos nos próximos três anos (Figura 3). A diferença mais relevante observa-se entre as mulheres, para as quais a proporção das que pretendiam ter filhos nos próximos três anos baixou de 49,0% para 43,0%.

Figura 3. Fecundidade intencional de curto prazo, total, mulheres e homens, Portugal, 2013 e 2019



O número ideal de filhos numa família e o número de filhos desejados pelas pessoas eram ambos superiores a dois, enquanto o total de filhos esperados ao longo da vida ficou aquém deste valor: as mulheres esperavam ter 1,75 filhos e os homens 1,65 (Figura 4).

Figura 4. Fecundidade final esperada, fecundidade desejada e número ideal de filhos numa família, total, mulheres e homens, Portugal, 2013 e 2019



Fonte: INE, Inquérito à Fecundidade 2013 e Inquérito à Fecundidade 2019

## Análise regional

Em todas as regiões, a fecundidade realizada foi menor em 2019 que em 2013

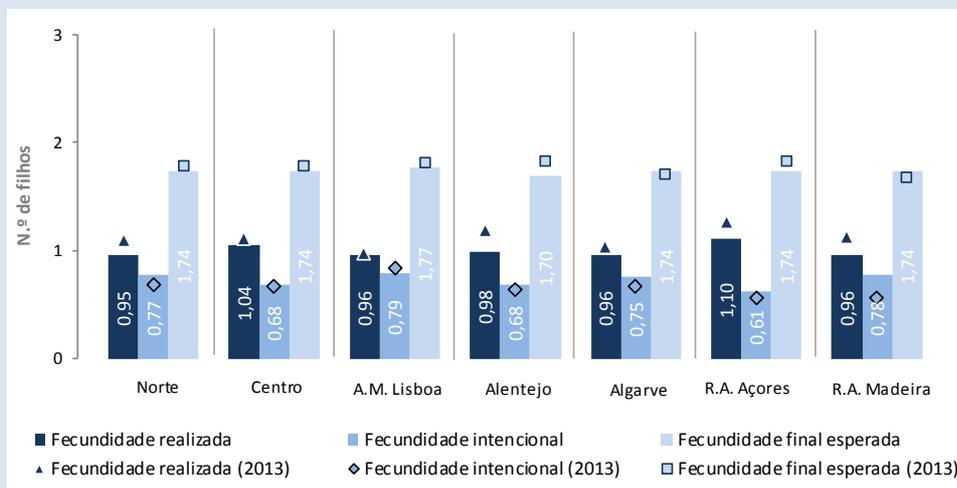
Por regiões NUTS II, para as mulheres dos 18 aos 49 anos, o número médio de filhos tidos variou entre 0,95 filhos na região Norte e 1,10 filhos na Região Autónoma dos Açores – 1,10 e 1,27 em 2013, respetivamente (Figura 1a).

O número médio de filhos que as mulheres tencionavam vir a ter variou entre 0,79 na Área Metropolitana de Lisboa e 0,61 na Região Autónoma dos Açores (em 2013, variou entre 0,84 na Área Metropolitana de Lisboa e 0,57 nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira).

A fecundidade final esperada era maior na Área Metropolitana de Lisboa (1,77 filhos em 2019 e 1,83 em 2013), e o valor mais baixo foi observado no Alentejo (1,70 filhos, 1,84 em 2013).

Em todas as regiões, a fecundidade realizada foi menor em 2019, relativamente a 2013. A fecundidade final esperada foi superior em 2019 apenas no Algarve e na Região Autónoma da Madeira.

Figura 1a. Fecundidade realizada, intencional e final esperada, mulheres, NUTS II, 2013 e 2019



Fonte: INE, Inquérito à Fecundidade 2013 e Inquérito à Fecundidade 2019

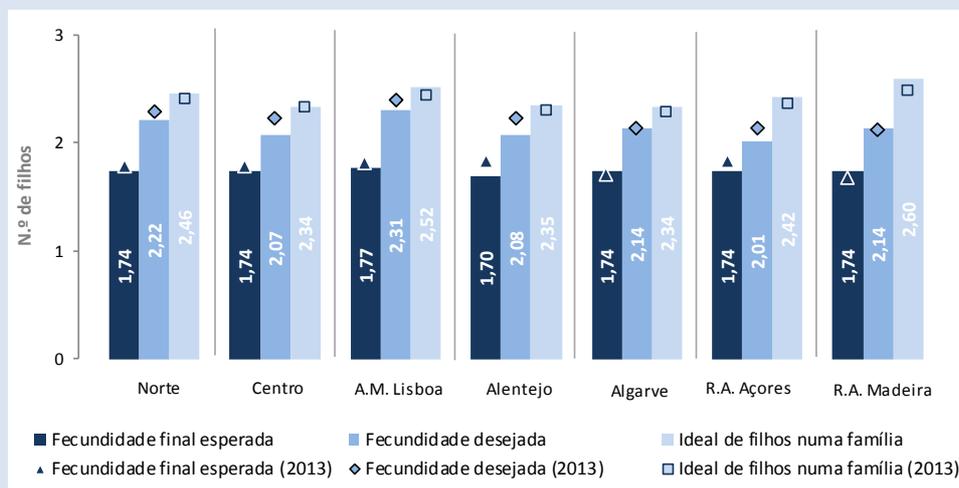
Em todas as regiões, o número médio de filhos que as mulheres esperavam ter foi inferior ao número médio de filhos desejados, e este foi inferior ao número médio ideal de filhos numa família, tendo este último indicador mantido sensivelmente os mesmos valores de 2013.

Relativamente a 2013, o número médio de filhos desejados foi menor em todas as regiões, com exceção da Região Autónoma da Madeira, onde se manteve sensivelmente inalterado.

O diferencial entre o número médio de filhos desejados e os que as mulheres esperavam ter foi maior na Área Metropolitana de Lisboa (2,31 e 1,77 filhos, respetivamente) e menor na Região Autónoma dos Açores (2,01 e 1,74 filhos).

Se em todas as regiões o número ideal de filhos numa família foi superior ao número médio de filhos desejados, esta diferença foi mais acentuada na Região Autónoma da Madeira (2,60 e 2,14 filhos, respetivamente) e menos acentuada na região do Algarve (2,34 e 2,14 filhos).

Figura 1b. Fecundidade final esperada, fecundidade desejada e número ideal de filhos numa família, mulheres, NUIITS II, 2013 e 2019



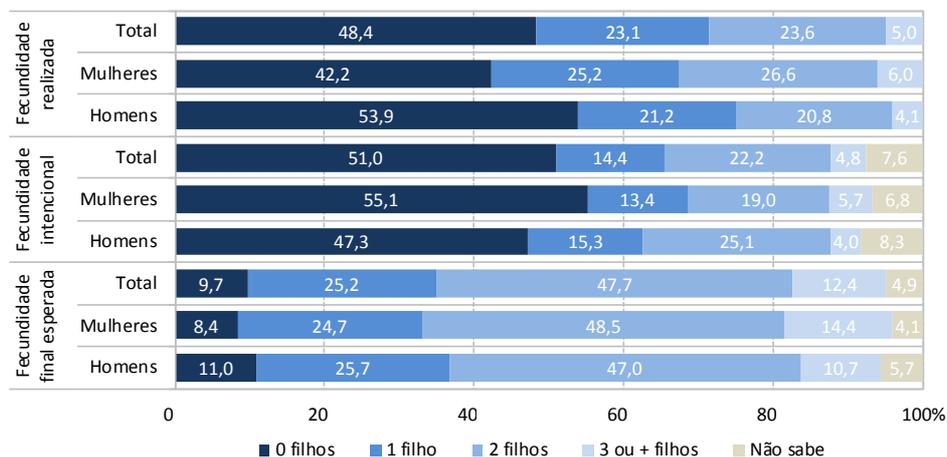
Fonte: INE, Inquérito à Fecundidade 2013 e Inquérito à Fecundidade de 2019

### 3. Principais resultados de 2019

Quase metade das mulheres e mais de metade dos homens não tinham filhos; mais de metade das mulheres e quase metade dos homens não tencionavam ter ou ter mais filhos

Em 2019, 42,2% das mulheres e mais de metade dos homens (53,9%) não tinham filhos; mais de metade das mulheres (55,1%) e quase metade dos homens (47,3%) não tencionavam ter ou vir a ter filhos; e 9,7% das pessoas, (8,4% das mulheres e 11,0% dos homens) não tinham nem tencionavam ter filhos (Figura 5).

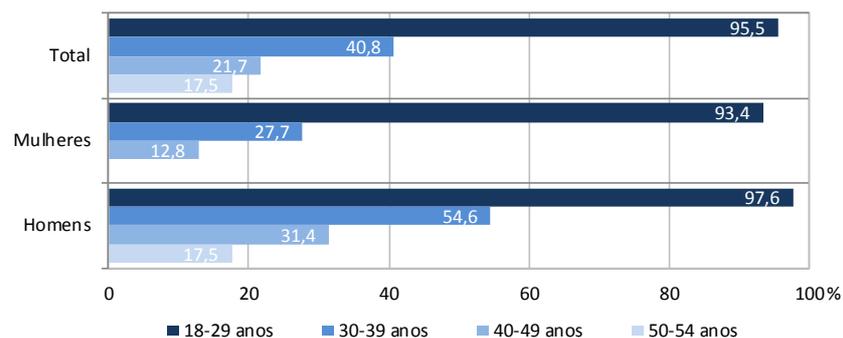
Figura 5. Fecundidade realizada, intencional e final esperada, por número de filhos, total, mulheres e homens, Portugal, 2019



### A larga maioria das pessoas dos 18 aos 29 anos não tinham filhos

Em 2019, 93,4% das mulheres e 97,6% dos homens com idades dos 18 aos 29 anos não tinham filhos e mais de metade dos homens dos 30 aos 39 (54,6%) encontravam-se na mesma situação (Figura 6).

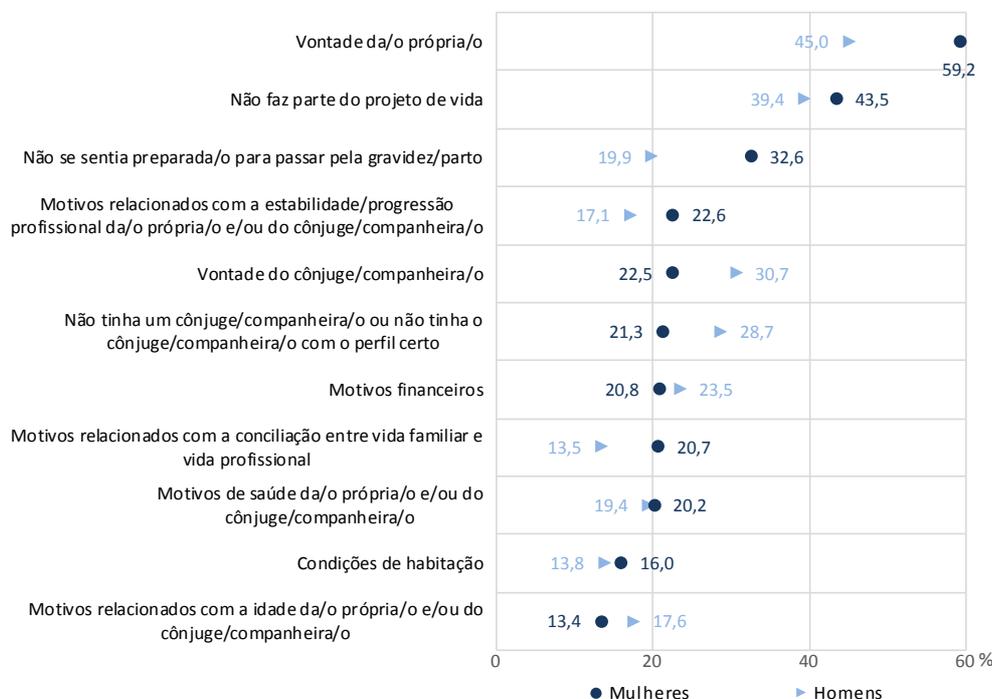
Figura 6. Proporção de pessoas sem filhos por escalão etário, total, mulheres e homens, Portugal, 2019



Nota: O total para o escalão dos 50 aos 54 diz respeito apenas aos homens

As mulheres e os homens que não tinham e disseram não tencionar vir a ter filhos referiram como principais motivos a vontade própria e o facto de a maternidade ou paternidade não fazerem parte do seu projeto de vida (Figura 7).

Figura 7. Motivos apontados como muito importantes para a decisão de não ter filhos por pessoas sem filhos, mulheres e homens, Portugal, 2019



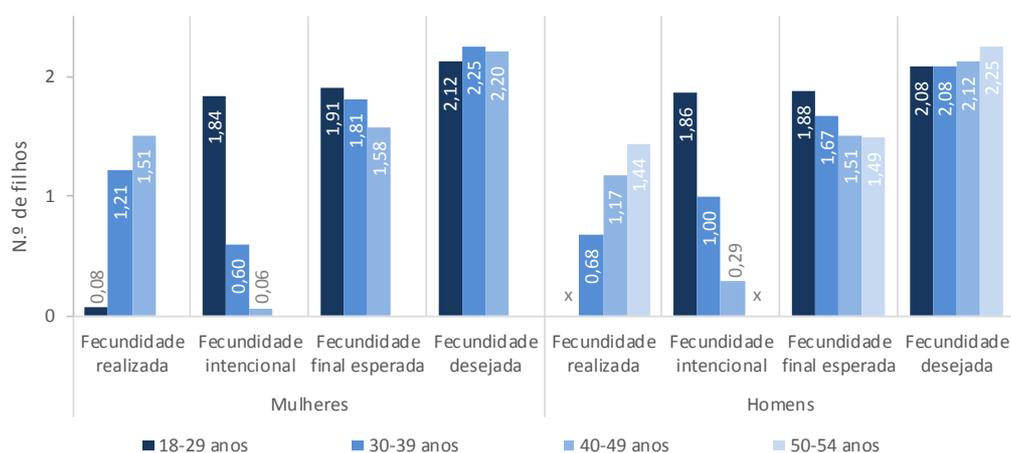
### O número médio de filhos que as pessoas esperavam vir a ter era superior nas gerações mais novas

Como seria de esperar, o número médio de filhos que as pessoas esperavam vir a ter (fecundidade final esperada) era superior nas gerações mais novas (1,91 para mulheres dos 18 aos 29 anos; 1,88 para homens do mesmo grupo etário), o que decorre do maior número de filhos que estas pessoas tencionavam ter ou vir a ter: 1,84 e 1,86, respetivamente (Figura 8).

O número médio de filhos desejados variava pouco com a idade, sendo sempre ligeiramente superior aos 2 filhos.

Como tal, a diferença entre a fecundidade final esperada e a fecundidade desejada aumentava com a idade.

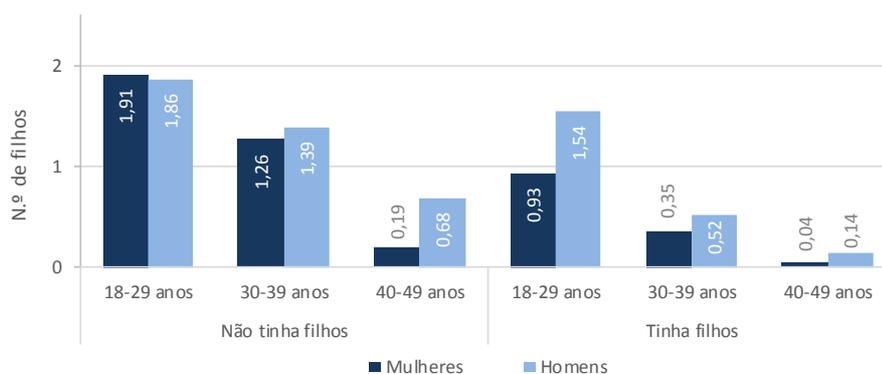
Figura 8. Fecundidade realizada, intencional, final esperada e desejada por escalão etário, mulheres e homens, Portugal, 2019



x Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que não é divulgado

Para as pessoas que ainda não tinham filhos, verifica-se que as mulheres tencionavam vir a ter, em média, 1,57 filhos e os homens 1,45. As gerações mais jovens eram aquelas que tencionavam ter, em média, mais filhos, sendo o número mais elevado observado para as mulheres dos 18 aos 29 anos (1,91 filhos) (Figura 9). Para quem já tinha filhos, eram os homens dos 18 aos 29 anos quem tencionava ainda vir a ter mais filhos (1,54 filhos).

Figura 9. Fecundidade intencional para quem não tinha e para quem tinha filhos, por escalão etário, mulheres e homens dos 18 aos 49 anos, Portugal, 2019



Quanto à intenção de ter filhos nos próximos três anos, apenas uma minoria de mulheres (21,4%) e homens (18,5%) mais jovens, dos 18 aos 29 anos, que tencionavam ter ou ter mais filhos, planeavam fazê-lo (Figura

10). O inverso acontecia nas pessoas com idades dos 30 aos 39 anos: 86,5% das mulheres e 70,3% dos homens dos 30 aos 39 anos que tencionavam ter ou ter mais filhos, pensavam fazê-lo nos próximos 3 anos.

Figura 10. Proporção de pessoas que tencionavam ter filhos nos próximos 3 anos, mulheres e homens dos 18 aos 39 anos que tencionavam ter ou ter mais filhos, Portugal, 2019

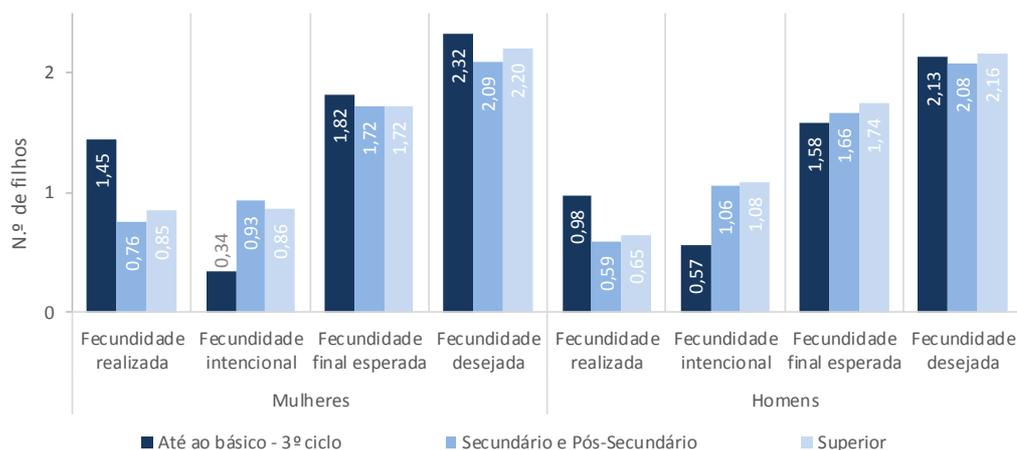


O número médio de filhos desejados era mais elevado para as mulheres com nível de escolaridade mais baixo e para homens com ensino superior

Por nível de escolaridade, observa-se que mulheres e homens menos escolarizados tinham um maior número de filhos (fecundidade realizada), 1,45 filhos, em média, para as mulheres e 0,98 para os homens, quando comparados com outros níveis de escolaridade (Figura 11). Inversamente, a intenção de ter filhos no futuro era mais baixa entre mulheres e homens com menor escolaridade. Da conjugação destes dois resultados, os níveis de fecundidade final esperada não são muito diferentes entre níveis de escolaridade.

A fecundidade desejada era mais elevada para as mulheres com menor escolaridade (2,32) e para os homens com nível de escolaridade mais elevado (2,16).

Figura 11. Fecundidade realizada, intencional, final esperada e desejada por nível de escolaridade, mulheres e homens, Portugal, 2019

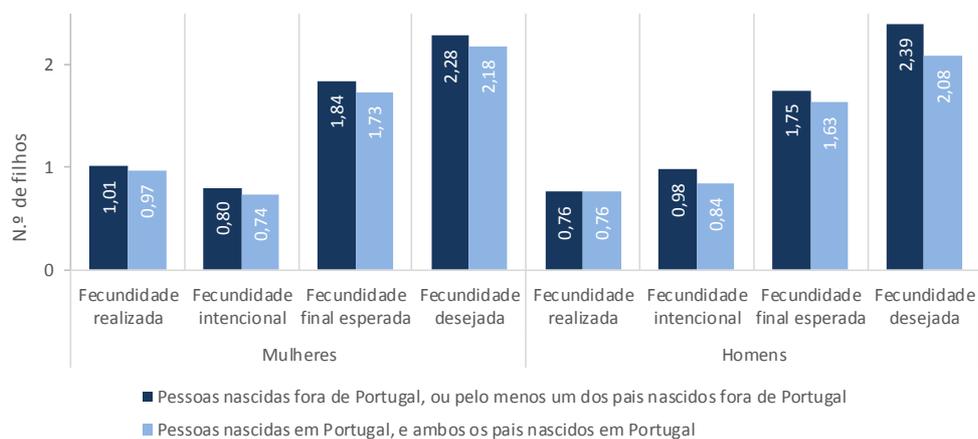


Mulheres e homens nascidos fora de Portugal, ou com pelo menos um dos pais nascido fora de Portugal, desejavam ter mais filhos

As mulheres e os homens nascidos fora de Portugal, ou com pelo menos um dos pais nascido fora de Portugal (pessoas com *background* migratório), desejavam e esperavam vir a ter ao longo da vida um maior número de filhos do que pessoas nascidas em Portugal e com pais nascidos também em Portugal (Figura 12). Eram os homens com *background* migratório quem desejava mais filhos (2,39 filhos) e as mulheres com *background* migratório quem esperava vir a ter mais filhos (1,84 filhos).

Quanto à fecundidade já realizada, não se encontram praticamente diferenças entre aqueles com *background* migratório e aqueles que não o têm.

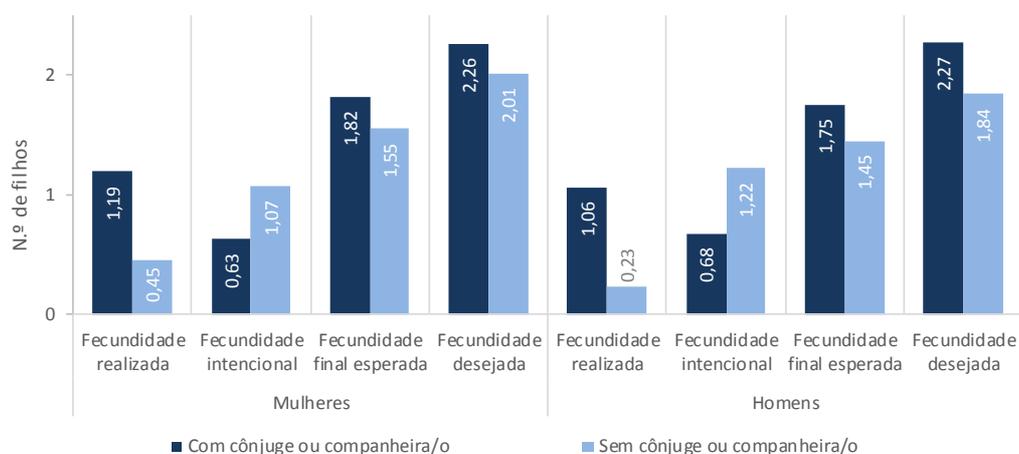
Figura 12. Fecundidade realizada, intencional, final esperada e desejada por *background* migratório, mulheres e homens, Portugal, 2019



As pessoas com cônjuge ou companheira/o tinham, esperavam vir a ter e desejavam mais filhos do que as pessoas que não estavam em situação de conjugalidade (formalizada ou não)

As pessoas em situação de conjugalidade (formalizada ou não) tinham, em média, 1,19 filhos, no caso das mulheres, e 1,06, no dos homens, e desejavam 2,26 filhos, no caso das mulheres, e 2,27, no dos homens, valores mais elevados do que os observados para os que não tinham cônjuge ou companheira/o (Figura 13).

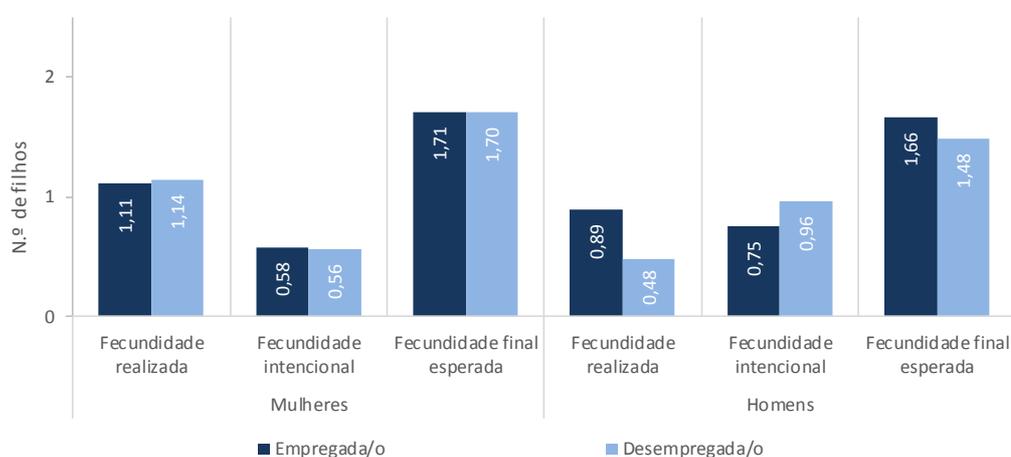
Figura 13. Fecundidade realizada, intencional, final esperada e desejada por situação conjugal, mulheres e homens, Portugal, 2019



Os níveis de fecundidade das mulheres não eram afetados pela sua condição perante o trabalho, ao contrário do que acontecia com os homens

Se, para mulheres empregadas e desempregadas, os níveis de fecundidade eram idênticos, no caso dos homens a fecundidade realizada e final esperada era superior nos empregados (0,89 e 1,66, respetivamente), comparativamente aos desempregados (0,48 e 1,48, respetivamente) (Figura 14).

Figura 14. Fecundidade realizada, intencional e final esperada por condição perante o trabalho, mulheres e homens, Portugal, 2019

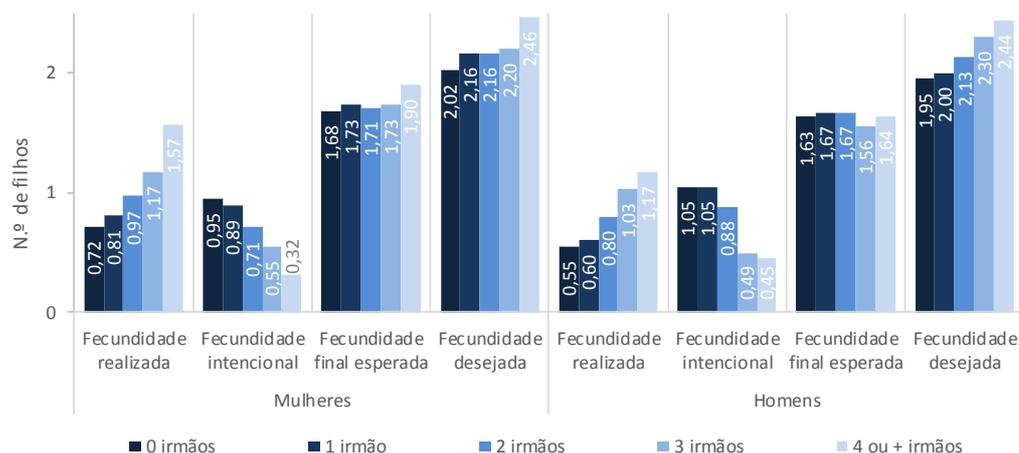


As mulheres e os homens com mais irmãos tinham e desejavam ter mais filhos; as pessoas com menos irmãos tencionavam ter mais filhos

As mulheres e os homens com mais irmãos tinham e desejavam ter um maior número de filhos (2,46, em média, para as mulheres com 4 ou mais irmãos e 2,44, em média, para os homens na mesma circunstância) (Figura 15).

Para além da relação com a fecundidade desejada, o número de irmãos parece estar também associado ao nível dos filhos que as pessoas tinham: ao aumento do número de irmãos corresponde um aumento do número médio de filhos tidos.

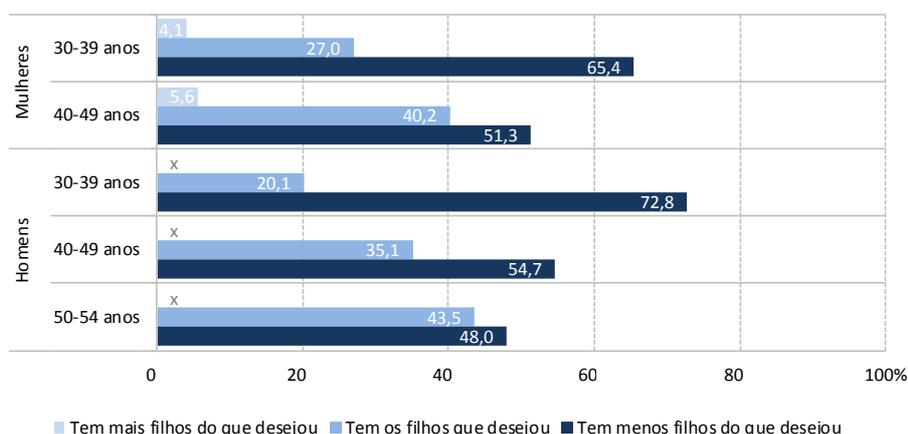
Figura 15. Fecundidade realizada, intencional, final esperada e desejada por número de irmãos, mulheres e homens, Portugal, 2019



Mais de metade das mulheres e dos homens com idades dos 40 aos 49 anos tinham menos filhos do que desejavam ter ao longo da vida

Embora fosse mais frequente que mulheres e homens dos 30 aos 39 anos considerassem ter menos filhos do que desejavam – 65,4% das mulheres dos 30 a 39 anos e 72,8% dos homens com as mesmas idades – é importante ter em conta que estas pessoas não estavam ainda próximo do final da sua vida reprodutiva, tendo ainda oportunidade e tempo para reduzir a distância entre o seu desejo e o concretizado (Figura 16). É entre as pessoas mais velhas que importa salientar a proporção das que tinham menos filhos do que desejavam – 51,3% das mulheres dos 40 aos 49 anos, 54,7% dos homens nas mesmas idades e 48,0% dos homens dos 50 aos 54 anos. Por outro lado, 40,2% das mulheres com idades dos 40 aos 49 anos e 35,1% dos homens do mesmo grupo etário tinham exatamente os filhos que desejaram. Este valor era ligeiramente superior nos homens com 50 a 54 anos – 43,5%.

Figura 16. Proporção de pessoas que tinham mais, menos ou os filhos que desejaram, mulheres dos 30 aos 49 anos e homens dos 30 aos 54 anos, Portugal, 2019



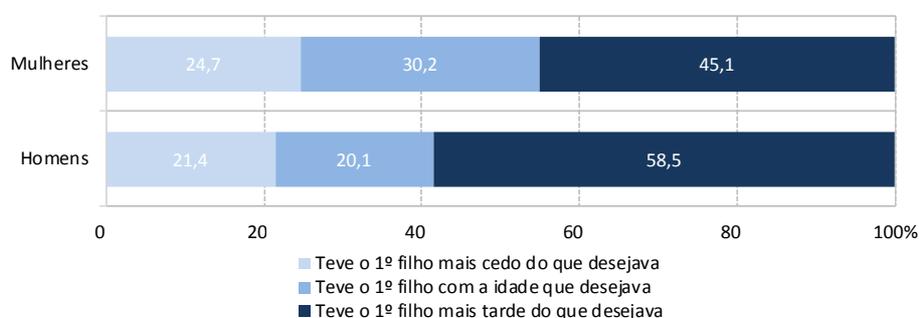
x Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que não é divulgado

Nota: A soma das parcelas pode não totalizar 100% devido à opção de resposta "Não sabe" e aos valores não divulgados

A maioria dos homens e quase metade das mulheres tiveram o primeiro filho mais tarde do que desejavam

O contraste entre o concretizado e o desejo das pessoas pode ainda ser medido a partir das diferenças entre a idade em que tiveram o primeiro filho e a idade em que desejavam ter tido (Figura 17). O adiamento da fecundidade é partilhado por mulheres e homens, sendo no entanto mais acentuado entre os homens (45,1% das mulheres teve o 1º filho mais tarde do que desejava, que compara com 58,5% dos homens).

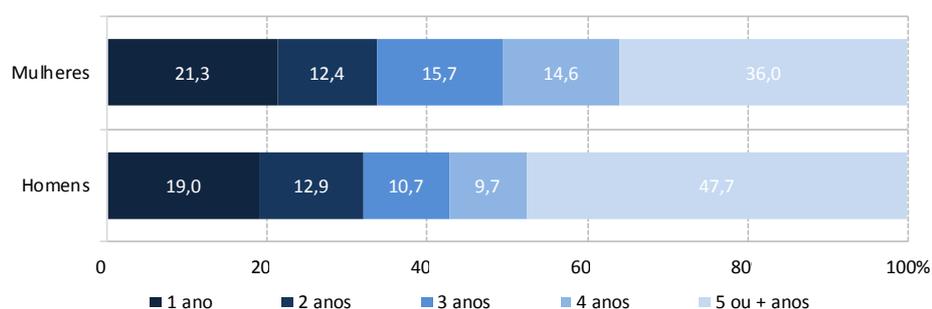
Figura 17. Proporção de pessoas que tiveram o primeiro filho mais cedo, mais tarde ou na altura em que desejaram, mulheres e homens, Portugal, 2019



Considerando apenas as pessoas que tiveram o primeiro filho mais tarde do que desejavam, constata-se que o adiamento foi, para uma parcela considerável de mulheres (36,0%) e de homens (47,7%), de pelo menos 5 anos (Figura 18).

Para 50,6% das mulheres e 57,4% dos homens esse adiamento foi de 4 ou mais anos.

Figura 18. Proporção de pessoas que tiveram o primeiro filho mais tarde do que desejaram, por número de anos de adiamento, mulheres e homens, Portugal, 2019

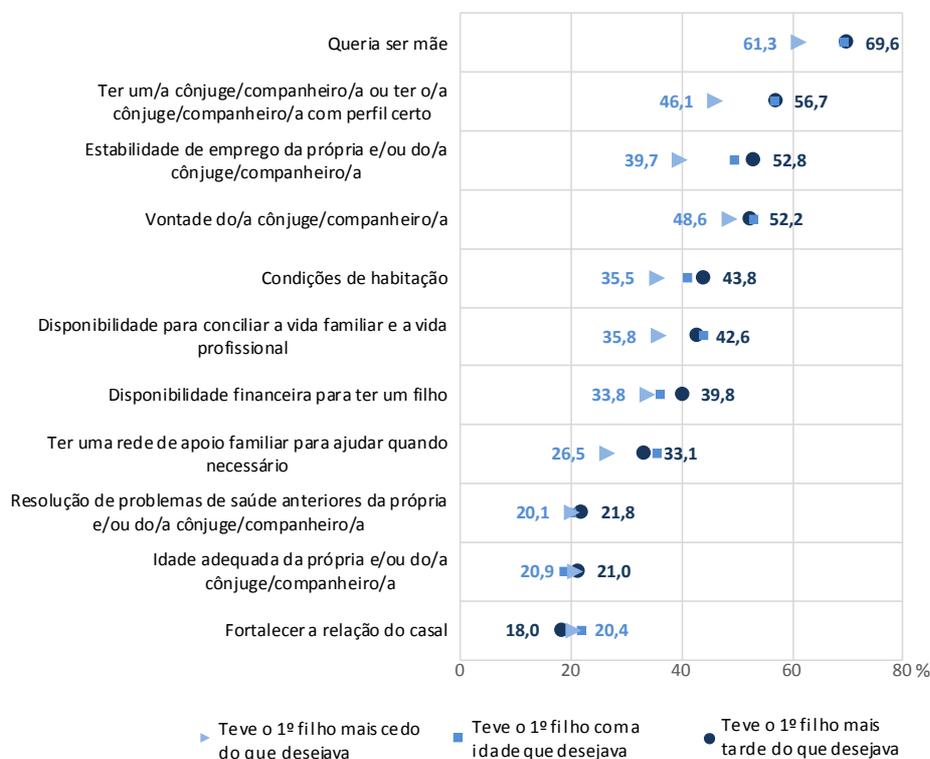


A maioria das mulheres considerou muito importante para a decisão de ter o primeiro filho a vontade de ser mãe

A maioria das mulheres que planearam o nascimento do seu primeiro filho, independentemente da altura em que o tiveram, consideram o facto de querer ser mãe como motivo muito importante para a decisão de ter o primeiro filho (Figura 19).

Para as mulheres que tiverem o primeiro filho na altura ou mais tarde do que desejavam, para além do motivo acima referido, foram apontados também como muito importantes ter um cônjuge/companheiro/a ou ter o cônjuge/companheiro/a com o perfil certo, estabilidade de emprego da própria ou do cônjuge/companheiro/a e vontade do cônjuge/companheiro/a.

Figura 19. Motivos considerados muito importantes para ter tido o 1º filho na altura em que o tiveram, mulheres, Portugal, 2019

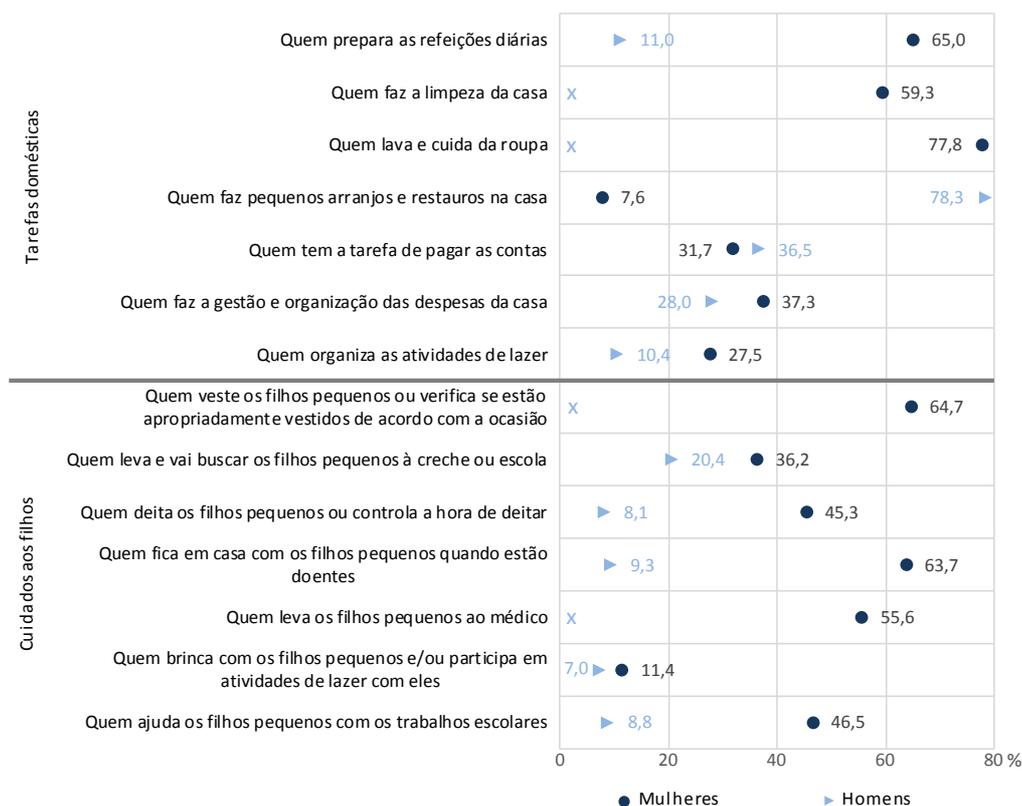


Foram sobretudo as mulheres que referiram fazer habitualmente as tarefas relacionadas com o cuidado da casa e dos filhos

Considerando as pessoas que residiam com cônjuge ou companheira/o, observa-se que foram as mulheres que referiram ser habitualmente responsáveis por tarefas como lavar e cuidar da roupa (77,8%), a limpeza da casa (59,3%) e preparar as refeições (65,0%) (Figura 20). Os homens referiram mais frequentemente que faziam habitualmente os pequenos arranjos e restauros da casa (78,3%).

Para as pessoas com filhos, as tarefas relacionadas com o seu cuidado e acompanhamento foram igualmente referidas pelas mulheres como sendo habitualmente feitas por elas (Figura 20): vestir os filhos pequenos (64,3%), ficar em casa com os filhos quando estão doentes (63,7%), levar os filhos ao médico (55,6%), ajudar os filhos com os trabalhos escolares (46,5%), deitar os filhos (45,3%) e levar e buscar os filhos à creche ou escola (36,2%).

Figura 20. Proporção de pessoas, a viver com cônjuge ou companheira/o, que referiram realizar habitualmente tarefas domésticas e de cuidados aos filhos, mulheres e homens, Portugal, 2019



x Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que não é divulgado

Nota: As tarefas associadas aos cuidados aos filhos respeitam apenas a pessoas com filhos pequenos ou crianças

Muito embora as mulheres estivessem, em média, menos satisfeitas do que os homens com a divisão das tarefas domésticas e com o cuidado aos filhos, é de assinalar que o grau de satisfação seja positivo em ambos os casos (numa escala de 1 a 10, mais de 7 pontos no caso das mulheres e mais de 8 no caso dos homens) (Figura 21). De salientar ainda que a satisfação com a divisão dos cuidados aos filhos foi superior à satisfação com a divisão das tarefas domésticas, tanto para homens como para mulheres.

Figura 21. Grau médio de satisfação (escala de 1 a 10) com a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados aos filhos, mulheres e homens, Portugal, 2019



### 89,8% das mulheres e 85,9% dos homens consideraram dever existir incentivos à natalidade

O Inquérito à Fecundidade 2019 incluiu um conjunto de questões que visavam conhecer a opinião das pessoas sobre a necessidade de existência de incentivos à natalidade, agrupados em 4 domínios: condições de trabalho, acesso a serviços para ocupação dos filhos, rendimentos das famílias com filhos e outras medidas.

A grande maioria das pessoas considerou que deviam existir incentivos à natalidade, ou seja, deviam existir apoios para que as pessoas tenham mais filhos: 89,8% das mulheres e 85,9% dos homens, não havendo diferenças significativas por grupo etário.

Foi pedido às pessoas que ordenassem as três medidas apresentadas em cada domínio, pelo grau de importância que lhes atribuíam (Figura 22).

Relativamente ao domínio condições de trabalho, a medida de incentivo mais frequentemente referida como a mais importante foi “flexibilizar os horários de trabalho para mães e pais com filhos pequenos”: 52,9% dos homens e 45,7% das mulheres referiram-na. A medida “alargar os períodos de licença parental para mães e pais” foi mais referida por mulheres (33,7%) do que por homens (25,9%). “Aumentar as oportunidades de trabalho a tempo parcial para mães e pais” foi a medida menos assinalada como a mais importante, o que pode estar relacionado com facto de Portugal estar entre os países da União Europeia com a menor proporção de trabalhadores (sobretudo de mulheres) a tempo parcial.

No contexto do acesso a serviços para ocupação dos filhos, “alargar a rede e o acesso a creches, jardins-de-infância e Atividades de Tempos Livres (ATL)” foi a medida de incentivo mais frequentemente referida como a mais importante (53,1% das mulheres e 48,7% dos homens). “Alargar os horários de funcionamento de creches, jardins-de-infância e ATL” e “assegurar o transporte das crianças para as creches, escolas e ATL” não foram consideradas tão importantes.

Relativamente às medidas no âmbito dos rendimentos das famílias, mulheres e homens apresentam uma distribuição distinta naquelas que assinalaram como as mais importantes. Se para as mulheres a medida considerada como a mais importante foi “aumentar os subsídios relacionados com educação, saúde,

transporte, habitação e alimentação dos agregados com filhos” (41,0% das mulheres, que compara com 36,8% dos homens), para os homens aquela que aparece como sendo mais regularmente assinalada como a mais importante medida neste contexto é “reduzir os impostos para as famílias com filhos, incluindo aumentar as deduções fiscais para quem tem filhos” (42,8% dos homens, que compara com 37,0% das mulheres). Contudo, ambas visam a necessidade de aumento do rendimento disponível das famílias.

No que respeita a outras medidas que não integram os três domínios referidos anteriormente, “atribuir incentivos fiscais às entidades empregadoras com práticas de gestão que apoiem trabalhadores com filhos” foi assinalada como a mais importante por quase metade das mulheres (48,3%) e mais de metade dos homens (52,7%).

Figura 22. Medidas de incentivo à natalidade assinaladas como as mais importantes, por âmbito das medidas, mulheres e homens, Portugal, 2019





## O perfil das pessoas com filhos e sem filhos é muito distinto

De seguida, apresenta-se o perfil das pessoas que não tinham filhos e das que tinham filhos em 2019, com base nas características mais frequentes destes dois grupos de pessoas.

### Como eram as pessoas sem filhos em 2019?

Eram maioritariamente homens: 58,8%

Pertenciam ao escalão etário dos 18 a 29 anos: 58,2%

Não tinham cônjuge ou companheira/o: 53,2%

Viviam com o pai ou a mãe ou ambos: 71,0%

Tinham um nível de escolaridade completo correspondente ao ensino secundário e pós-secundário: 43,6%

Tinham um emprego: 63,9%

Tinham, em média, 1 ou 2 irmãos

Tencionavam vir a ter filhos: 69,6%

Consideravam 2 o número de filhos desejados: 46,7%

Consideravam que 2 é o número ideal de filhos numa família: 61,3%

### Como eram as pessoas com filhos em 2019?

Eram maioritariamente mulheres: 52,8%

Tinham 2 filhos: 45,6%

Pertenciam ao escalão etário dos 40 a 49 anos: 53,2%

Tinham cônjuge ou companheira/o: 87,0%

Viviam com cônjuge/companheira/o: 75,7%

Tinham um nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao ensino básico: 43,7%

Tinham um emprego: 88,4%

Tinham, em média, 2 ou 3 irmãos

Não tencionavam vir a ter mais filhos: 79,9%

Consideravam 2 o número de filhos desejados: 52,5%

Consideravam que 2 é o número ideal de filhos numa família: 59,5%



## NOTA METODOLÓGICA

O Inquérito à Fecundidade 2019 foi realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço económico europeu (EEA Grants 2014-2021) no âmbito do Programa Conciliação e Igualdade de Género, junto de uma amostra selecionada de residentes no território nacional. Passados seis anos do último Inquérito à Fecundidade, realizado em 2013 em parceria com a Fundação Francisco Manuel dos Santos, o principal objetivo foi atualizar e reforçar o conhecimento sobre a fecundidade em Portugal, considerando múltiplas dimensões deste fenómeno, nomeadamente no que respeita às intenções e desejo de ter filhos, ao ideal de filhos, à idade em que tiveram e em que desejavam ter tido o primeiro filho, de acordo com características demográficas e socioeconómicas, como a idade, o nível de instrução, o *background* migratório ou a condição perante o trabalho, bem como às perceções e constrangimentos que pesam sobre a decisão de ter ou não ter filhos. A informação obtida constitui, assim, um instrumento relevante de apoio à definição e avaliação de políticas relacionadas com a família e a natalidade.

A recolha de informação relativa aos dados agora apresentados decorreu entre setembro de 2019 e fevereiro de 2020, ou seja, os resultados reportam-se a um período anterior à atual pandemia da COVID-19, pelo que os eventuais efeitos da pandemia nos padrões de fecundidade da população não são captados nos resultados agora divulgados. As entrevistas, presenciais no domicílio das pessoas selecionadas, decorreram em cerca de 10 mil alojamentos, distribuídos por todas as regiões do Continente e nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Foi inquirida uma amostra de mulheres com idade dos 18 aos 49 anos, representativa da população feminina a nível de país e da região NUTS II, e de homens com idade dos 18 aos 54 anos, representativa da população masculina a nível de país, que resultou num total de 7 709 entrevistas conseguidas. A resposta ao inquérito era obrigatória, de acordo com a Lei nº 22/2008, de 13 de Maio.

Os resultados estimados foram obtidos a partir de ponderadores individuais, ajustados de acordo com a distribuição por região NUTS II, grupo etário e sexo, tendo em conta as estimativas provisórias da população residente em 31/12/2019. Para cada estimativa, foram também calculadas margens de erro relativamente aos valores que se obteriam numa inquirição a toda a população, sob a forma de coeficientes de variação. As estimativas não são disponibilizadas sempre que o respetivo coeficiente de variação é superior a 20%.

Anexo a este Destaque encontra-se disponível um ficheiro Excel com o plano completo de apuramentos do inquérito. Fica ainda disponível, a investigadores credenciados, uma base de microdados anonimizada para fins de investigação científica.

Para uma análise mais detalhada da metodologia seguida, sugere-se a leitura do documento metodológico em: <http://smi-i.ine.pt/DocumentacaoMetodologica/Detalhes/1560>

A conceção do projeto Inquérito à Fecundidade 2019, em particular no que respeita à definição dos conteúdos a observar e aos domínios de análise, beneficiou dos contributos de um grupo de investigadoras das áreas da Sociologia da Família e da Demografia, a quem muito se agradece a disponibilidade e colaboração: Vanessa Cunha, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Maria Filomena Mendes, Escola de Ciências Sociais da



Universidade de Évora; Isabel Tiago de Oliveira, Escola de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa; e Maria João Valente Rosa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que coordenou.

Nota: Por razões de arredondamento, os valores apresentados neste Destaque para os vários indicadores podem não corresponder exatamente aos que se podem obter a partir dos resultados divulgados nos quadros Excel em anexo.

### **Conceitos utilizados e notas explicativas:**

Background migratório – tipologia definida a partir da conjugação das variáveis “País de nascimento do próprio”, “País de nascimento do pai” e “País de nascimento da mãe”: pessoas sem *background* migratório (pessoas nascidas em Portugal e cujos pais nasceram ambos em Portugal) e pessoas com *background* migratório (pessoas nascidas fora de Portugal ou nascidas em Portugal mas com pelo menos um dos pais nascidos fora de Portugal).

Enteados – Filhos (biológicos ou adotados) de uma relação anterior da/o cônjuge/companheira/o, quer seja da/o atual cônjuge/companheira/o ou de anteriores cônjuges/companheiras/os.

Fecundidade desejada – Número de filhos biológicos desejados pelas pessoas ao longo da sua vida, independentemente dos que têm e dos que pensam vir a ter.

Fecundidade final esperada – Número de filhos biológicos (nascidos com vida) tidos pelas pessoas acrescido do número de filhos que pensam vir a ter no futuro (incluindo a gravidez atual, caso se aplique).

Fecundidade intencional – Número de filhos biológicos que as pessoas pensam vir a ter no futuro (incluindo a gravidez atual, caso se aplique).

Fecundidade intencional no curto prazo – Número de filhos biológicos que as pessoas pensam vir a ter nos próximos 3 anos (inclui a gravidez atual, caso se aplique).

Fecundidade realizada – Número de filhos biológicos (nascidos com vida) tidos pelas pessoas.

Filhos adotados – As pessoas que passaram, ou não, por um processo legal de adoção e que o indivíduo considere como filhos.

Filhos biológicos – Filhos de sangue, que detém os genes do indivíduo.

Ideal de filhos numa família – Número de filhos (biológicos, adotados, enteados) considerado pelas pessoas como ideal para uma família, independentemente de ser a sua.

Nível de escolaridade – Nível de escolaridade mais elevado que foi concluído com êxito, ou para o qual se obteve equivalência, e que confere um certificado ou um diploma.

Nota: os indicadores subjacentes aos conceitos de fecundidade captam os ideais, desejos, intenções e filhos tidos no momento de referência do inquérito.



Iceland   
Liechtenstein  
Norway grants

**Working together for a green and competitive Europe**

O Inquérito à Fecundidade realizado em 2019 pelo Instituto Nacional de Estatística foi financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants 2014-2021), no âmbito do Programa Conciliação e Igualdade de Género.

Através do Acordo sobre o Espaço Económico Europeu (EEE), a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega são parceiros no mercado interno com os Estados-Membros da União Europeia.

Como forma de promover um contínuo e equilibrado reforço das relações económicas e comerciais, as partes do Acordo do EEE estabeleceram um Mecanismo Financeiro plurianual, conhecido como EEA Grants.

Os EEA Grants têm como objetivos reduzir as disparidades sociais e económicas na Europa e reforçar as relações bilaterais entre estes três países e os países beneficiários.

Para o período 2014-2021, foi acordada uma contribuição total de 2,8 mil milhões de euros para 15 países beneficiários. Portugal beneficiará de uma verba de 102,7 milhões de euros.

Saiba mais em [www.eeagrants.gov.pt](http://www.eeagrants.gov.pt)